

PROPRIETARIO E DIRECTOR, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARAES

PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

TERÇA-FEIRA 20 DE AGOSTO DE 1878

GUIMARAES 19 DE AGOSTO

Para a historia do sr. de Margaride

Retiramos hoje o nosso editorial, para dar lugar ao «tributo de consciencia» com que o nosso estimavel collega do Porto, «A Voz do Povo», subsidiando as nossas investigações, presta á historia do governador civil *in nomine*.

E diga s. exc.^a á sua modestia, que não tem merito nem popularidade por lá!...

Eis o subsidio do nosso collega, que agradecemos reconhecidos:

OCHEFE DO DISTRICTO E A ELEIÇÕES

«O regresso, ao Porto, do primeiro magistrado do districto coincide com a animação barbaesca da baldomeria subalterna e com as esperanças de ANNULACÃO ELEITORAL. No dizer dos esperanças, se o sr. conde de Margaride é, como governador civil, alvo da galhofa dos continuos, como creador do sr. Bento de Freitas vae revelando o seu prestimo. O bom do titular não padece de escrupulos, no tocante a humilhações. Aquella espinha dorsal é de excellente gutta-percha: maleavel e consistente. Para levar um recado, indagar, espiar, *saber o que vae pelo mundo*, e transmittir ao amo, o sr. de Margaride é impagavel.

O honrado testamenteiro de Tinoco achou homem para a situação difficil.

E' que está um tanto damnificado,—mercê funesta das vozes do mundo,—o digno Bento de Freitas! aquelle Lazaro, trabalhando á luz do dia, desmanchava a situação; aquelle vulto escalavrado e coberto dos escarros do *Correio do Ave*, da *Lucta*, do *Diario Portuguez* (incluindo os nossos), representava bem a situação regeneradora, mas *diante de gente parecia mal!* era preciso escondel-o por detraz d'um pobre diabo, embora com precedentes ridiculos, mas sem *testamentarias* no bôjo: aquelle sr. de Margaride estava alli á mão, no Minho, ruminando a sua ineptia e o esgarneo dos seus governados, barbeado, gordinho, bem conservado: agarraram n'elle e collocaram-n'o—pobre editor responsavel—por diante do *padre-mestre*, com o simples encargo de occultar o bôjo do funcionario indecente. «Occulta-me esse bandalho!» foi a ordem suprema e unica. E o bom do sr. de Margaride ahí está prestando o seu nome ás tranquiernas de galopim, e enquanto leva recados deixa a substituí-lo a farda do chefe do districto, convertida em libré de laçoio.

«Veio de fóra e com ordens severas», affirmam os baldomeras de ante-camara. «A eleição vae ser

annulada, decretou-o o grande homem da situação mirifica. «Vamos a ver se o Porto é de libra diversa da de qualquer cambada sertaneja», rosnam os suinos infamados. Pois vamos a ver—e o paiz verá comnosco...

Emquanto a occultar o devasso das testamentarias, renuncie a fazel-o o nobre conde. Quando lhe não vissemos o bojo, denunciál-o hia a podridão á gente limpa.

E ladrões não se encobrem de graça...

Compendio de doutrina regeneradora

Para uso dos meninos e meninos na religião da Penitenciaría, e para aquelles, que, querendo-a seguir, não a souberem, a qual todo o regenerador para ser feliz e abiscotar posta deve saber, crer e entender.

(Continuado do n.º 528)

LIÇÃO IV

P.—Todos os regeneradores são obrigados a saber, e crer em particular mais algum mysterio?

R.—Os que se contém no crédo.

P.—Dizei o crédo?

R.—Creio no Fontes todo poderoso, creador das portarias surdas e do campo de manobras, e no esbanjamento um só seu filho, nosso senhor, salvador da patusada: o qual foi concebido do espirito do devorismo, nasceu da penitenciaría; padeceu do dente queixal, foi combatido, guerreado, e desmascarado: mas não crucificado, morreu, mas não foi sepultado, desceu ao inferno da exereção publica: aos dez mezes resurgiu dos mortos: subiu aos céus do poder, está assentado á mão direita do personagem, para roubar os vivos e os mortos: creio no espirito santo das camarilhas, na communicação dos compadres, na remissão das suas dividas, no augmento providencial das do estado, na resurreição de 27 de janeiro, na vida eterna dos ladrões, por todo o sempre. Amen.

P.—Que cousa é a igreja regeneradora?

R.—E' uma congregação de todos os fics patifes, desde os compadres da penitenciaría até aos fiscalisadores de lenços, cuja cabeça visível é o Barjona, vigario do Fontes, e successor de todos os grandes descaçados.

P.—Que cousa é a communicação dos compadres?

R.—E' crer que na igreja do Fontes ha compadres e fiscaes, penitenciarías e miserericordias, espíores e testemunhas falsas, ladrões e infames, de cujas obras participam todos os regeneradores.

P.—Que cousa é a remissão das dividas?

R.—E' crer que na igreja regeneradora se applaudem todos os roubos e traficancias, e que a boa fortuna protege os regeneradores na proporção das patifarias que fazem.

P.—Que cousa é a resurreição de 27 de janeiro?

R.—E' um erro gravissimo, que pôde ter consequencias fataes para quem imprudentemente o praticou e para o paiz, mas com o qual a regeneração tem aproveitado muito.

P.—Que quer dizer a vida eterna dos ladrões?

R.—Quer dizer que bem vae para quem muito apanha, e que quem se souber encher enquanto é tempo, viverá á tripa forra ainda que o governo cáia.

LIÇÃO V

Quantos são as virtudes regeneradoras?

R.—São muitas e variadas, e encontram-se todas nas partes diarias da policia, nos registos dos tribunaes e das cadeias civis.

P.—E as principaes?

R.—São tres: Fé, Esperança e Caridade.

P.—Que cousa é—Fé regeneradora?

R.—E' uma virtude que o Fontes infunde em nossas almas, para crermos tudo quanto elle tem revelado á sua igreja, e nos animarmos na cubição do alheio.

P.—Que cousa é—Esperança regeneradora?

R.—E' uma virtude, mediante a qual não desanimamos na cruzada contra as misericordias, que nos dá força em proezas como a da penitenciaría, a que anima o governo no augmento do deficit e nas consolidações da divida fluctuante, virtude pela qual esperamos apanhar tudo quanto ainda ha por esse paiz, e os meios necessarios para o conseguir, pelos merecimentos do governo, fazendo nós da nossa parte.

P.—Que coisa é—Caridade regeneradora?

R.—E' uma virtude, pela qual amamos em especial aquillo que não é nosso, e mais a nós do que ao proximo.

P.—Como se entende a caridade regeneradora?

R.—Lembrando-se cada um primeiro de si, e depois dos outros que tambem estão na graça do Fontes.

P.—Fazei um Acto de Fé?

R.—Creio, meu Fontes, firmemente, que sois um só e verdadeiro patarata, que daes a gloria aos ladrões e o inferno á gente honrada. Creio que te fizestes ministro no ventre imprurissimo das camarilhas, e nascestes, padeceste e soffrestes dores de dentes, para nos daes boa cevadeira, que morderes crucificado na cruz das teus meixas e resurgistes ao decimo mez, subistes ao céu da restauração, e estaes em toda a parte onde é preciso inspirar uma acção

que envergonhe e prejudique o paiz. Creio que estaes perante a nação, como estaes no paço, isto é, que nem o povo nem o rei vos podem ver. Creio que fostes ao norte buscar lá e viestes losquiado. Creio no dinheiro com que se compram votos e aclamações. Creio tudo isto e o mais que a igreja regeneradora crê, porque vós o dissestes e ella o ensinava.

P.—Fazei o Acto de Esperança?

R.—Meu Fontes, porque vós sois todo poderoso, e não faltaes á vossa palavra, espero que me haveis de salvar, proporcionando-me uma boa penitenciaría para explorar, fazendo em o que devo, como proponho com a vossa ajuda.

P.—Fazei o Acto de Caridade?

R.—Eu vos amo, Fontes, sobre todos os ministros e sobre todos os baldomeras, porque sois o mais perfeito d'á grey; e por amor de vos amo o que é do proximo, como se fóra meu proprio.

(Continua.)

Revista do Porto

Muito tem para ver quem não morrer.

Parece-me que tenho ouvido isto por diferentes vezes, e cito-o porque nada mais adequado para a presente occasião. Que confusão, que labyrinth!

Hontem, a eleição era annullada; hoje não se annulla. Antes o governo não consentia no annullamento, mas processava a camara e a commissão do recenseamento; depois, não se fazia nada d'isso, mas procedia-se a novo recenseamento de eleitores para a proxima eleição. Agora—a ultima p'eta (?)—o governo em nada consente, mas exige que os seus cordeiros vão em massa deitar na lista da opposição!!!

Ora vejam lá se com tuos juizes se pôde ser mordomo! Eu estimava que me dissessem por quaes dos boatos devo optar.

Embora o despeito do chefe dos baldomeras seja grande, embora o seu genio altivo esteja reclamando uma desforra, querer-se-ha elle expór a nova eleição? Não o creio, porque o sr. Fontes está confiecedor do animo dos portuenses tão bem ou melhor do que eu, e assim, não se ha de querer expór a nova derrota, que seria então uma vergonhosa corrida. Processar a camara? Por o que? Seria demonstrar a ira furiosa de que está possuido e despertar a gargalhada sathânica e galhofeira que avilta e rebaixa o que a causa.

Duas são portanto as versões que eu acho attendiveis; uma justa, legal e muito coherente, a outra despotica, arbitraria e digna do cerebro d'onde dimana:—proceder a novo recenseamento e obrigar os eleitores a votar n'um nome que devem abominar, porque a sua consciencia, se a tem, o repelle. Se o partido de sua magesta-

de el-rei entende que o recenseamento está illegal, elle, que pôde, mande proceder a outro: eu até sou tambem d'essa opinião, porque mais tarde se lhe mostrará que a eleição do Porto não foi ganha só porque os amigos do governo deixaram de votar, nem por antipathias pessoas e particulares, mas porque o animo dos portuenses já não está disposto a sujeitar-se por mais tempo á tutela d'administradores que lhe esbanjam o seu dinheiro, e aniquilam o seu credito e a sua dignidade.

Eu creio que effectivamente muitos eleitores do partido regenerador ficaram sem votar, mas quem poderá dizer que outros tantos do partido progressista não ficaram tambem sem voto?

Proceda-se, pois, a novo recenseamento.

Emquanto á ultima das ballenas é simplesmente para causar nojo se se realisasse, o que não acredito. A dignidade do partido progressista não consentiria que os seus membros se declarassem assim cobardes ao primeiro repello. O governo não pôde abandonar a urna, que tanto importa o ir deitar na opposição, porque assim declarava bem alto que temia a derrota que via v'ra.

O sr. Fontes não quer decretar tal coisa, porque sabe que o Porto já está conhecedor do medo que se apouso de s. exc.^a e dos seus partidarios e por isso attribua á mesma causa essa resolução.

Se o partido regenerador não teme, como quer fazer acreditar, o partido progressista, para que essas *prevenções* absurdas, esse aparato bellico no Porto e qualquer outra cidade, onde se annuncie uma reunião dos progressistas?

No dia 4 do corrente as tropas estiveram em quartéis, pelo facto de se proceder á eleição, e no dia 11, porque o partido progressista se reuniu muito constitueionalmente no theatro Principe Real, prenderam-se de novo os soldados ao quartel, distribuiu-se-lhe o pólvora e balas, e determinou-se-lhe que não abandonassem as espingardas!! Mas ainda não é tudo: as patrulhas a cavallo e a pé foram reforçadas e em maior numero cruzavam-se na rua de Santo Antonio e immedições, com ares provocantes, como que instigando o povo a revoltar-se contra o insulto que se lhe fazia! Isto não será medo, convenio, mas ao menos á receio...

E' muito de presumir que hoje fiquem de novo nos quartéis e tropas. Trata-se de dar a posse a os novos eleitos e por isso é bem que alguém patereja, já que sobre os eleitores não pôde cabir a irascivelidade do sr. general da divisão.

Uma, a proposito de s. exc.^a a qual vae pelo preço:

No dia 5 á noite passava pela batalha uma das muzicas que solemnizavam a victoria do Porto. O sr. conde de Torres Nova, julgando que ella ia passar proximo ao quartel, chamou o capitão e disse-lhe, referindo-se á muzica:

—Não consinta que passem.
De para baixo!

Eu dou-a pelo preço, embora
m'a garantam como verdadeira.
No entanto, que coisa mais natu-
ral, constando também que s. ex.^a
dá ordem de descarregar sobre
o povo, no dia 11 á noite, logo ao
primeiro rumor?!

O despeito é grande e por isso
nada acho impossível.

—Naturalizou-se português o
sr. Guilherme Gomes Fernandes,
provavelmente com o intuito de
poder mais francamente partilhar
das garantias do nosso paiz. Sua
exc.^a tenciona partir para Paris a
visitar a exposição.

—Terminou definitivamente a
lâmparina regeneradora que tinha
por título—«A Independência Por-
tuguesa».

—O actor Brazão tem sido
muito victoriado no Principe Real,
no desempenho do seu importante
papel de protagonista no *Kean*.
Hontem á noite assisti a uma ver-
dadeira ovação que o publico por-
tuguez, justo e consciencioso lhe
fez.

O sr. conde de Margaride tam-
bem apparecia nos intervallos no
camarote, mostrando pouco agra-
do pelo drama. Nem admiro: o
drama é d'Alexandre Dumas e te-
ve uma traducção magnifica. *Kean*,
principe dos actores; *Kean*, sal-
timbanco das ruas; *Kean*, amoro-
so, e *Kean* defensor da honra de
Amy, são para o sr. conde de Mar-
garide enygmas que nem ao menos
lhe merecem dous minutos d'at-
tenção!

Ainda ha quem diga que o di-
nheiro não embrutece... X.

Amigo redactor.

Publicou v. no seu jornal de
sexta-feira, 16 do corrente, uma
declaração do sr. Julio Gama, que
ha mais de quinze dias appareceu
em alguns jornaes d'esta cidade, e
que me obrigou a perguntar ao de-
clarante se o seu proposito, fazendo
tal declaração, era eximir-se a
pagar o que a empresa da *Opinião*,
de que elle fazia parte, ficára a de-
ver a diversos, incluindo varios se-
nhores assignantes que pagaram
assignaturas adiantadas.

Respondeu o sr. Gama, que
era com effeito esse o seu propo-
sito, afirmando para desculpa do
seu mau acto que só era redactor
com o direito a terça parte dos lu-
cros, e avançando a futilidade de
que nada tinha recebido nem dos
srs. assignantes nem dos srs. an-
nunciantes.

Julgo ter provado até á evi-
dencia, na *Lucta* d'hoje, o contra-
rio do que s. s. sustenta, demon-
strando com os seus proprios actos
e escriptos a sua qualidade de co-
proprietario da *Opinião*, em perfeita
egualdade de direitos e deveres
com os seus collegas—sendo tão
falsa a asserção de que o terço dos
lucros lhe eram dados pelo seu
trabalho de redacção, quanto é cer-
to que uma das clausulas estipula-
das entre nós era—que o trabalho
feito na publicação do referido jor-
nal, por qualquer dos seus empre-
zarios, lhe seria remunerado pelo
ordenado que se convencionasse, fi-
cando livre a cada um trabalhar ou
não na redacção ou administração
da folha sem por isso perder os seus
direitos á propriedade. Além d'isto,
sr. redactor, a tangente porque o
sr. Gama quer sahir é tão escan-
carada, que não ha ninguém que
não veja a improbabilidade de se
sujeitar uma empresa a dar um
terço dos seus lucros perpetua-
mente a um redactor da força do
sr. Julio Gama, cujos merecimen-
tos respeito, mas que de certo não
são para tanto.

Por não tomar maior espaço
na sua folha, que louvavelmente se
consagra a negocios de outra im-

portancia, limito-me a responder
tal declaração, que o sr. Julio Ga-
ma, embora não haja sido admi-
nistrador da *Opinião* é confiado
um dos seus proprietarios, sendo
por isso responsavel solidariamen-
te nos actos da empresa para com
os estranhos. Se houver duvidas
pelo que respeita á gerencia do ad-
ministrador, cá estou para respon-
der por ellas aos meus dois consoci-
os; mas pelo que eu demonstrei
que se deve aos estranhos respon-
deremos necessariamente todos
tres, abdicando da sua dignidade
aquelle que se recusar.

Esta é a unica doutrina admis-
sivel, depois que o sr. Julio Gama
não pôde contestar que era socio
—e socio diligente—da mallogra-
da empresa.

Porto, 19 de
agosto de 1878.

CASTRO NEVES.

INTERIOR

Vizella 19 de agosto

(Corresp. particular)

Realizou-se hontem, nas duas
freguezias, S. Miguel e S. João, a
eleição da junta de parochia, que
correu pacificamente e sem oppo-
sição.

Em S. João, como na lista fi-
guravam individuos d'ambos os
partidos, quasi todos os eleitores
foram á urna espontaneamente.
Porém não aconteceu o mesmo em
S. Miguel.

Como o sr. Antonio José Dias
Pereira, o estrangeiro, não só para
fins bem conhecidos dos eleitores,
mas até para deprimir *alguem*, que
s. s. imaginou lhe fazia sombra na

pólitica e que realmente o excede
em sympathia, pôde, *quize* e *mandou*,
que a junta fosse formada de gente
toda sua, esteve a passar pelo des-
gosto de se ver apenas acompa-
nhado dos seus *commensaes de Be-
lêdo* (1), unicas personalidades que
o não desamparam nunca! E na
verdade assim aconteceria, se os
seus brados, lamentos e lagrimas
não chamassem em seu auxilio va-
rios cavalheiros de Guimarães, que
ordenaram aos parentes e cazeiros,
que aqui tem, que accudissem ao
sr. Dias, que se desenhava e morria
de medo na occasião mais segura!

O *velhinho* (2), que manda *tu-
do*, quasi não mandou nada; e mes-
mo esse pouco que mandou, deve
agradecer-o, em parte, aos srs.
Perreira Caldas, Castro Sampaio,
Elias, dos Laranjeas, Souza Ribe-
ro, Berrance, etc. etc.

E se isto assim acontece,
quando lhe não fazem opposição,
que acontecerá quando lh'a fize-
rem?! Nem o cheiro da *bodéga*,
nem o atractivo das promessas,
em que s. s. é tão prodigo como o
seu *papá* Fontes, teve força bas-
tante para lhe sustentar a *fama* da
sua supposta influencia eleitoral,
que, á custa de tantos e tão peza-
dos sacrificios havia grangeado! E
depois d'um desenganho tão rasgado
e publico, ainda óusará o *sér* *Anto-
ninho* continuar a impôr-se e a il-
ludir os que o não conhecem com
a sua ridicula insensatez—o *velhi-
nho* manda *tudo*?! E coisa que
não podemos crer. E' verdade que
a impudencia pôde muito...

Agora guardamos o procedi-
mento da *bemaventurada* junta, pa-
ra lhe darmos os parabens, acom-
panhados d'am aperto de mão.

—Appareceu aqui no dia 17,
de tarde, o sr. conde de Margari-

(1) Nome porque é conheci-
da uma taberna estabelecida por
s. s.

(2) Assim se intitula s. s. a
si proprio, batendo no peito.

de. A vinda de s. exc.^a a Vizella
foi vertida de varios modos. Di-
ziam uns que s. exc.^a viera como
único fim de confortar e ajudar o
velhinho na eleição da junta de pa-
rochia, que ninguém se lembrou de
questionar. Outros insistiam em
que o sr. conde, na sua visita a Vi-
zella, nada mais tivera em vista
que distrahir-se, e nós também pa-
ra ahí nos inclinamos. Outros, fi-
nalmente, asseveravam que s. ex.^a
viera fazer certas *combinacoes* po-
liticas.

Será verdade?
—Consta que o sr. Antonio
José Dias Pereira, o *velhinho*, vai
ser agraciado com o titulo de *ba-
rão de Belêdo*, pelos relevantes ser-
viços prestados á honrosa causa re-
generadora.

Não sabemos se é verdade,
mas a sel-o, nunca vimos graça tão
bem merecida, nem tão digna do
agraciado!

—Acha-se quasi restabelecido
da terrivel queda que o collocou á
borda da sepultura, o sr. padre
Domingos José Lopes.

São geraes os votos para que
este respeitavel ecclesiastico, co-
nhecido por todos como typo de
bondade e honradez, depressa se
restabeleça completamente. A
consternação geral, que produziu
no coração de todos aquelle infan-
te acontecimento, e o interesse
com que todos procuram certifi-
car-se do seu estado, prova de so-
bejo a estima e consideração em
que s. s. é tido.

Até breve.

GAZETILHA

Chegada

Depois da visita que ultima-
mente fizeram á exposição de Paris
e de que demos noticia, já se
acham entre nós os nossos illustres
conterraneos os srs. José Martins
de Queiroz e seus manos a exem.
D. Philomena, e o dr. Eduardo
Martins da Costa e sua *exem.* es-
posa.

Os nossos parabens á suas
exc.^{as} pelo feliz regresso.

Regresso

Depois da sua estada em Lis-
boa por espaço d'algum tempo, re-
gressou a esta cidade o sr. viscon-
de de Santa Luzia.

As boas vindas ao illustre
titular.

Estimamos

A virtuosa esposa do sr. dr.
Augusto Alfredo de Mattos Chaves
deu á luz, com a maior felicidade,
na manhã da proxima sexta-feira,
um robusto e formoso menino.

Parabens, pois, ao nosso sym-
patico e illustre amigo.

Posse da camara

Pelas 10 horas da manhã do
dia 18 de agosto do anno da graça
de 1878, n'esta cidade e nos paços
do concelho (?), compareceram os
illustres designados da auctoridade
administrativa, a fim de tomarem
posse dos logares para que foram
eleitos no ultimo suffragio a que a
maioria do concelho não concorreu
por se julgar altamente desconsi-
derada e lezada em seus vitas in-
teresses com a celebre *chapa offi-
cial*.

O acto da posse dos *illustres*
designados foi solemne e concorri-
dissimo, como não ha exemplo!

A abertura das cörtes das
grandes nações, não tem parallelo
capaz; está para a posse dos nossos
vereadores como os ossos de Scipião
para a sua carne.

Eram tres, incluindo o futuro
presidentinho, os vereadores, que
compareceram; e, se excluirmos

um que já estava *empossado*, tere-
mos—total—*dous*.

Em compensação, os que da-
vam a posse eram também *dous*,
nenhum d'elles o presidente em
exercício; e, se excluirmos o sr.
Couto por *intruso* que era alli, te-
remos total—*um*!...

A concorrência dos assisten-
tes guardou as devidas proporções.
Consistia:

Nas paredes do velho edificio;
Na imundicie que o cobre,
E na carunchosa mobilia.

Foi perante este mado e que-
do *auditorio* que o sr. bacharel
Prego, pregando a dextra sobre o
código de posturas, se acceita
presidente!...

Ego sum presidenticus, bal-
buciuo todo pudibundo s. s.
Denticulus... repetiram os
ecchos.

—Do que lavro esta acta,
acrescentou o respectivo escripto,
que todos assignam (em suas ca-
zas, já se vê) perante mim escri-
vão que esta subscreve e de que
dou fé.

—Encerrada a sessão, con-
cluiu o *presidentinho* empossado.

Ora digam os leitores se tudo
isto não foi imponente; solemnis-
simo, digno, emfim, da cidade de
Alfonso Henriques!?

Pois temos a honra de lhes
apresentar os executores do novo
e leonino Código Administrativo!

Se os não acharem aptos e na
altura de nos representar condigna-
mente, a culpa não é d'elles que
são muito boas pessoas e tem boa
vontade...

Sera verdade?

Informam-nos pessoas fide-
lignas que os lampões que foram
collocados dentro das grades do
Toural, custaram á camara, bu' an-
tes aos municipaes, cerca de doze
mil reis cada um no passo que tal-
vez houvesse aqui quem os fizesse
egualmente por muito melhor preço,
o que a *illm.* não acceitara natural-
mente.

Se é verdade, como nos incli-
namos á crer, *velho* ha'is! que não
seria um caso *virgem* nos actos da
fallecida municipalidade, não en-
contramos para isto um qualificati-
vo proprio e que ao mesmo tempo
tenha cabidogue cabimento nas nos-
sas columnas.

Limitamo-nos só a dizer que
dos *satellites* do governo das *peni-
tenciarias*, tudo ha a esperar: é o
caso do—*diriz-me* com quem vives,
dir-te-hei as *manhas* que tens.

Santo Ovidio

Teve lugar ante-hontem a ro-
maria de Santo Ovidio, cuja imá-
gem se venera em capellinha nas
proximidades da bonita villa de
Pafe.

A policia foi feita por uma
força de infantaria n.º 6, e não nos
consta que a ordem publica fosse
alterada.

A Lanterna

Com o titulo que nos serve
de epigraphe, acabamos de receber
o n.º 25 d'um jornal politico, noti-
cioso e commercial, que sae a lume
todos os domingos na invicta cida-
de, sob a direcção do sr. Francis-
co José Cardoso.

E' bem escripto e orgão do
partido progressista.

Ao collega agradecemos a vi-
sita que tão briosamente se dignou
fazer-nos.

«Universo Illustrado»

Sahiram á luz os n.ºs 27, 28,
29 e 30 d'este excellente seman-
rio de instrucção e recreio, que se
publica em Lisboa sob a protecção
de uma sociedade.

O n.º 27 traz gravuras repre-
sentando a panthera e a igreja de
Nossa Senhora da Conceição na

villa de Atouguia; o n.º 28 a re-
vista geral do Cairo, e o Kangarú;
o n.º 29 ruinas do castello de Mu-
rol, e Florença vista de S. Miniato;
e o n.º 30 as da fachada representa-
tiva de Portugal na exposição de
Paris, e a vista do castello de Ro-
chechinar.

Com o n.º 30 completa o
«Universo Illustrado» o 7.º fasci-
culo pertencente ao mez de agosto;
contém 4 folhas de muito variada
leitura e adornadas com 8 excellen-
tes gravuras.

A empresa roga aos srs. sub-
scriptores, cuja assignatura termi-
na com este numero, se dignem
renovar, para não soffre-
rem interrupção nas seguintes re-
messas.

Toda a correspondencia deve
ser dirigida—franca de porte—ao
sr. João de Campos Silva, rua de
S. José n.º 13, 3.º andar.

«O Occidente»

Temos sobre a banca de tra-
balho o n.º 16 d'esta excellente re-
vista illustrada de Portugal e do
estrangeiro.

Este n.º é illustrado de mimos-
sas gravuras representando os re-
tratos do fallecido e distinto jor-
nalista Antonio Augusto Triceira
de Vasconcellos e do sr. Antonio
Zelirino Candido, palacio do Tro-
cadero na exposição de Paris em
1878, a exposição preciosa de Pe-
nafiel; e o *tributo* dos martyres da
liberdade, no cemiterio do Repouso
no Porto.

«O Sorvete»

Publicou-se o n.º 11 d'este
espirituoso jornal para n.º que se-
manalmente vê a luz da publicida-
de no Porto.

Este, como os precedentes,
vem muito interessante e digno de
lêr-se.

«Bombeiro Portuguez»

Estamos de posse do n.º 34
d'este semanario portuguez, orgão
das companhias d'incendios.

Este n.º vem acbompanhado de
uma gravura, representando a *bom-
ba de campo*.

A mesma opinião

Do correspondente d'esta ci-
dade para o nosso collega da *De-
mocracia*, extraclamos o seguinte
que bem mostra que não achamos
isolados na opinião que temos
emitido relativamente á nossa ac-
tual municipalidade:

«A *Religiao e Patria* acaba de
dar em supplemento a lista dos
nomes dos *14* membros que devem
formar a futura vereação, os quaes,
salvo alguma excepção, nullo não
podiam esquecer o *plano* de *papa-
geio*, esteu amanhã de *ferer* parte
do *senado* vitorioso! A *latria*
de Alfonso, patria de Alfonso, que
pareces condemnada a ser sempre
representada no municipio por ho-
mens inhabens; e por isso continua-
rás com as tuas ruas estreitas e
intundas, com as tuas obras prin-
cipiadas mas nunca acabadas, etc.,
etc.

Quando nós mais precisavamos
de homens activos, de representa-
ção e com a precisa energia e co-
nhcimentos, para nos levantar á
altura do progresso a que temos di-
reito, elegem individuos que longe
de estudarem as necessidades d'esta
malfadada terra, só estão habili-
tados para vender *bacalhau* ou jo-
gar a *cabru cega*»

Jogo

Com relação ás prisões effe-
ctuadas na casa de bilhares, ao lar-
go de S. Sebastião, de que demos
noticia em tempo, escreve o mes-
mo correspondente para o jornal
da capital a que alludimos acima:
«Ha dias foi cercada por um

força de infantaria 6, uma casa de jo- go sita no largo do Toural e presos alguns individuos que alli estavam jogando o monte.

Diga-me sr. administrador do concelho: porque razão se cerca uma casa e se prendem meia duzia de desgraçados, quando no café Vi- maranense, no largo da Oliveira, se joga até com as portas abertas? E' porque acolá jogam homens de ta- mancos e de jaqueta, e aqui jogam homens encasacados e de gravata ao pescoço!

N'este caso julgo conveniente lembrar-lhe que a lei do cacete e do trabuco já acabou, e a que hoje nos rege é geral, sem distincção de clas- se nem de fortuna.

Não ha duas opiniões

Ainda com referencia á nossa actual municipalidade, escrevem o illustrado correspondente d'esta cidade para o «Campeão das Pro- vincias», o seguinte:

«Guimarães precisava e precisa muito de vereações de progresso rasgado, e não de caturras que tolhe- rão cada vez mais o seu andamento, supposto longe do que devera ser. Nós não encontramos uma unica intelligencia de acção em to- dos esses caracteres, quer effectivos, quer substitutos, de que se compõe a vereação municipal.

Serão todos muito bons cava- lleiros, fallando individualmente, como vereadores municipaes, fo- ram, sem duvida, escolhidos ao de- do para dar execução e comprimen- to aos artigos e paragraphos do novo código administrativo, á ma- neira de cabeças de ferro, por não dizermos outra vez—como execu- tores das horrosas scenas na Pra- ça de Carlos Alberto na invicta ci- dade! Nós estamos aqui vivendo peor do que os povos de Freixo de Espada á Cinta, ou de Castro Laboreiro.

Pagamos, como nas primeiras capitães, para que se zelem os nos- sos interesses, sendo victimas do maior desleixo d'aquelles a quem remuneramos os serviços.»

A' ultima hora

Acontecimento grave

Do nosso estimavel corres- pondente da cidade do Porto, recebemos o seguinte telegram- ma:

PORTO 19, A'S 3 H. E 37 M. DA MANHÃ

(A' redacção do IMPARCIAL)

Irrompeu a crate- ra. Hontem deu-se em Paranhos gravissima desordem promovida pelos regeneradores. Houve ferimentos gra- ves. A força municipal abusou. Darei prome- nores.

X.

Supponho que a origem de este grave acontecimento foi a eleição da junta de parochia e que os satellites da ominosa re- regeneração, despeitados talvez com mais uma derrota, provocaram esses conflictos, que tanto enver- gonharam a sociedade e depõe contra o nosso execrando gover- no.

Pelo referido telegramma tam- bem se depreheende que a força publica chamada a intervir abu- sou, como sempre acontece com o predilecto elemento d'ordem do sr. Fontes!...

Não queremos, porém, fazer juizos que podem, mais ou menos, desviarem-se da verdade dos fac- tos.

O nosso estimavel é sollicito

correspondente promette-nos pro- menores d'elles. Esperamol-os, pa- ra pôr os nossos leitores ao cor- reute, apenas cheguem.

As derrotas succedem-se

Além dos diversos districtos em que o governo dos penitencia- dos perdeu a eleição camararia, sa- bemos á ultima hora que acaba de ser derrotado em Belem (por 400 e tantos votos), a despeito das violencias empregadas pelo sr. Fontes em pessoa!

Attenda ei-rei para a impo- tencia do governo, perante a von- tade do povo.

Agradecimento

Francisco de Moreira Sequei- ra e Simão de Souza Peixoto Guimarães, agradecem por este meio a todos os illm.^{os} srs. e particularmente á me- za da real corporação dos San- tos Passos, que se dignaram assistir ao responso de Gloria, que por seu innocente filho e sobrinho se celebrou na dita igreja, na noite de 15 do cor- rente.

Guimarães 16 de agosto de 1878.

Francisco de Moreira Sequei- ra.

Simão de Souza Peixoto.

SAUDE A TODOS sem me- dicamen- tos, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de Saude.

REVALESCIÈRE DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Combatendo as indigestões dispensias gastica, gastralgia) flegma, arrotos, amargor na boti- ca, pituitas, nuseas, vomitos, ir- ritacção intestinal, bexigas, diar- rhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respirações, oppres- são, congestões, mal dos nervos dia- betes, debilidade, todas as desor- dens no peito, na garganta, do al- to, dos bronchios, da bexiga, do fi- gado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue, 85.000 curas entre as quaes, con- tam-se: a do duque de Luskov, das excellentissimas senhoras marquezas de Brehan duqueza de Castl-stuart, dos excellentissimo srs. Lod Stuat de Decies, par d'In- glaterra, o doutor e professor Wur- zer, o professor e doutor Benecke, etc. etc.

Cura n.º 65:311

Vervant, 28 de março, 1866. —Senhor.— Bemdito seja Deus! A sua *Revalescière* salvou-me a vi- da. O meu temperamento, natural- mente fraco, estava arruinado em consequencia de uma horrivel dis- pepsia que durava ha oito annos, tratado sem resultado algum favo- ravel pelos medicos, que declara- vam que alguns mezes de vida me restariam, quando a eminente vir- tude da sua *Revalescière* me resti- tuiu a saude.—A BRUNELIÈRE, cu- ra.

Cura n.º 78:564

Mr. e m.^{re} Leger, de doença do ligado, diarrhea, tumor e vo- mitos.

Cura n.º 68:474

Mr. Pierre Castelli, abbade, de prostracção completa na idade de 85 annos; a *Revalescière* remocou- o. «Prégo confesso, visito os doentes, dou grandes passeios a pé, o sinto o espirito lucido e a memo- ria fresca.»

Seis vezes mais nutritiva de que a carne, sem esquentar, eco- nomisa cincoenta vezes o seu pre- ço em remedios—Preços fixos de venda por miudo em toda a pen- insula.

Em caixas de folha de lata 1/4 kilo 500 reis de 1/2 kilo 800 reis, de 1 kilo 15400 reis; de 2 1/2 kilos 3/200 reis.

Du Barry & C.^a (Limi- ted)—Place Vendôme 26, Paris; 77 Regent street Vales; Londres Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, drogus- tas, merceiros, etc. das provin- cias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central sr. Cerzedel- lo & C., Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa. (por grosso e miudo) Azevedo Filhos, praça de D. Pe- dro, 31 e 32 Barra & Irmãos, rua Anrea 12. orto, J. de Souza Fer- ra & Irmão, rua da Banharia 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Souza Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domi- gos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17.—Antonio A. Pereira Maia, pharm., rua dos Chãos 31, —Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Castello, Afonso drog., rua da Picota; J. B. de Barros, drog., rua Grande, 140.—Guima- rães, A. J. Perreira Martins, pharm. Antonio d'Aranjo Carvalho, Car- valho, Campo da Feira, 1; José, J da Silva, drog., Rua da Rainha, 29 e 32.—Penafiel, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Perreira & Irmão, rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Ver- melha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 86; Vinva Destre Ra- hir, Rua de Cedofeita, 60; Fon- tes & C.^a, drogs., Praça de D. Pe- dro, 105 a 108; Antonio J. Salga- do, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Pon- te do Lima, A. J. Rodrigues Bar- bosa, pharm.—Povoa de Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, —L. Maia Torres, pharm.

ANNUNCIOS

TERMINAÇÃO DE CARREIRA

Narciso José Marques annuncia que no dia 19 do corrente termina com as suas corridas que traz para Vizella ás 7 e meia da manhã e 5 da tarde.

Guimarães 11 de agosto de 1878.

SUBSIDIOS

para a boa interpretação do «Codigo Civil Portu- guez», baseados no que ha escripto acerca de cada um dos seus artigos em todos os jornaes e livros juridicos do paiz

POR

Antonio Ferreira Augusto Brito advogado no Porto, com um prefacio

PELO

Excm.^o sr. dr. Delfim Maria d'Oliveira Maia, Um volume de 360 paginas 4\$000

A' venda em casa de Jo- sé do Amaral Ferreira—em Guimarães.

Pozzalana dos Açores

As argamassas com- postas com este mate- rial dão excellente re- sultado. Recommenda-se, por isso, aos srs. mes- tres d'obras e engenhei- ros o emprego d'elle.

Grande deposito a preços rasoaveis — Cima do Muro dos bacalhoei- ros n.º 77.

PORTO

PAPEL DE CORES

Vende-se na redac- ção d'este jornal muito encorpado e de todas as cores, a 180 reis ca- da mão.

ESTANDO em Vizella no restaurante, fui alli tra- ctado com toda a decencia e limpeza pelo sr. Antonio, pro- prietario do mesmo restau- rante, além dos preços com- modos nas comidas, pelo que ficarei summamente agrade- cido ao mesmo sr. pelo es- mero com que me tractou.

Guimarães 12 de agosto de 1878.

Manoel José da Silva Guerra.

Carreira de diligencias para a Povoia de Varzim e vice-versa

ANTONIO do Couto (Vina- greiro) & C.^a annunciam que no dia 19 do corrente mez estabelecem as suas car- reiras para a Povoia de Varzim com mudas de gado em Villa Nova de Famalicão, saindo de Guimarães para a Povoa ás 5 e 11 horas da manhã e da Povoa para Guimarães ás 5 da manhã e 2 da tarde.

Preço de cada logar den- tro, 800 reis; idem fóra, 700.

São concedidos a cada passageiro 10 kilos de pezo gratuito, e o excedente será pago a 20 reis o kilo. Os bi- lhetes vendem-se em Guima- rães, em casa do sr. João Manoel de Mello, no Campo do Toural, à esquina.

Guimarães 11 de agosto de 1878.

Antonio do Couto (Vinagreiro) & Companhia.

CONSERVAS

BERNARDINO José Fer- reira Guimarães & M., no sen deposito, Toural, 41, se encontram todas as quali- dades de fructas e azeitonas, assim como peixe, carnes e legumes, diversas qualidades de doce em latas, a preços rasoaveis.

HOTEL

ARRENDAMENTO do antigo hotel—Manoel José Pereira, com

toda a mobilia, ou se toma uma pessoa que se encarregue da sua direcção; para tratar na rua Nov do Commercio n.º 90.

Terminação de carreira

Narciso José Marques, annuncia que no dia 10 do corrente termina com a car- reira que sãe para Braga ao meio-dia.

Guimarães 2 de agosto de 1878.

Francez e inglez

BENTO Rodrigues Gon- dim, tenente d'infante- ria 6, propõe-se a ensinar as duas linguas com que se inti- tula este annuncio.

Guimarães, rua de San- ta Maria—86.

CÃO



Quem achasse um cão da Terra Nova que dá por o nome de Tito, queira entre- gal-o no Porto em casa do sr. Magalhães, rua da Fabrica numero 3, ou em Villa Nova de Sande.

Pagam-se as despezas que elle tiver feito.

Prevenção

JOSE Gomes Caldas e mulher Maria Thereza de Jesus, da fre- guezia de Santo Emeliano, comarca da Povoia de Lanhoso, tendo em 19 de março de 1877 feito procura- ção a José Luiz da Silva, da fre- guezia de Douim, comarca de Guim- arães, em que lhe conferiram, além d'outros, os poderes de ven- der, arrendar, contrahir empresti- mos e constituir-lhes hypotheccas, declaram que cassam e revogam a referida procuração, ficando assim esta de nenhum effeito.

E assim o fazem publico para que nenhum contracte com o referido procurador.

Por mim e a rogo de minha mulher

José Gomes Caldas.

Companhia dos Banhos de Vizella

Sociedade anonyma de respon- sabilidade limitada

São convidados os se- nhores accionistas a pagarem nesta cidade, a Antonio José Ferreira Caldas no campo do Toural n.º 38, até o fim do corrente mez, a 4.^a prestacção de 10\$000 reis por acção.

Guimarães 1 de Agosto da 1878.

Os directores,

Antonio José Perreira Caldas, Joaquim Ribeiro da Costa, Antonio Peixoto de Mattos Chaves.

ESTABELECIMENTO DE TRENS DE ALUGUER

DE

Antonio do Couto (VINAGREIRO)

Escriptorio

em casa do sr João Manoel de Mel- lo, campo do Toural n.º 3 e 4

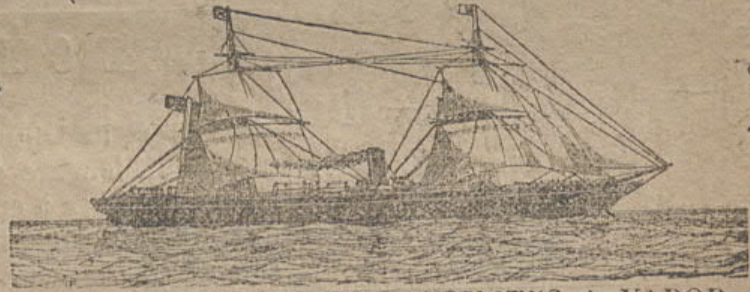
GUIMARÃES

Frete coupés, caçeches, victo- rias, char-a-banks e diligencias pa- ra viagens, passeios e visitas, por preços modicos.

Em 13  Em 28

MALA REAL INGLEZA

(INCORPORADA POR CARTA REAL EM 1840)



LINHA QUINZENAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente Pernambuco Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.^a classe, com transbordo no Rio de Janeiro, para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco. PELO MESMO PREÇO QUE PARA O RIO DE JANEIRO

PAQUETES A SAHIR DE LISBOA:

MINHO	em 28 d'Agosto	GUADIANA...	em 28 de Setembro
TAGUS.....	13 de Setembro	NEVA.....	em 13 de Outubro
		MONDEGO...	em 28 de Outubro

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta Companhia leva a bordo criados e cosinheiros portuguezes para a commodidade dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer agencia provincial, a condução para Lisboa é por conta da Companhia.

Os passageiros com transbordo no Rio de Janeiro teem sustento e hospedaria gratuita durante a demora precisa para obter transbordo.

A bordo os passageiros teem gratis cama, roupa de cama, comida cosinhada por cosinheiros portuguezes, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais que um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tractamento e accommodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que teem de passageiros e pelos innumerados agradecimentos que ha archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a condução das malas do correio, e por este serviço recebe a Companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES AQUETES a honra de condizir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Inglezes, 23, do agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas.

Para mais esclarecimento em Guimarães o illm.^o sr. JOÃO ANTONIO FERNANDES GUIMARÃES.

TYPOGRAPHIA

Na typographia d'este jornal fazem-se todos e quaesquer impressos que sejam encomendados, com a maior promptidão, nitidez e barateza, como são:

Facturas, letras, talões para ferição, arrendamentos, ordens de pagamento, procurações particulares e judicias, cautellas, rotulos para garrafas ou frascos, cartas funebres, mappas, editaes, recibos, etc. etc.

PREÇO DA ASSIGNATURA (SEM ESTAMPILHA)

Por anno	27800 reis
Por semestre	17140 "
Por trimestre	7200 "
Polha avulso ou supplemento	140 "

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção, rua Nova do Commercio n.º 88. Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte ao proprietario Augusto dos Santos Guimarães, rua Nova do Commercio na mesma redacção. As correspondencias e publicações de interesse particular são pagas; não se publicando os escriptos que involvam responsabilidade, sem que estes venham acompanhados legalizados. As publicações litterarias serão publicadas gratis, recebendo-se na redacção dous exemplares. Anuncios e correspondencias 30 reis por cada linha, repetição 20 reis. As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA (COM ESTAMPILHA)

Por anno	37200 rei
Por semestre	17600 "
Por trimestre	7800 "
Para o Brazil, (pelo paquete) por anno	7000 "

N'esta typographia tambem ha cursivo para as cartas, bem como tinta azul, verde, vermelha, mordente para dourar ou pratear qualquer impresso.

N. P. Vende-se n'esta typographia letras a 500 reis o cento

Excedendo a duzentas custa cada cento quatro contos reis. Tambem se vendem a vulso a 5 reis.

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.^a classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro, para SANTOS, PARAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco com transbordo no Rio de Janeiro e incluinão hospedarío e sustento gratuito durante a demora para obter transbordo.

O paquete MINHO sahirá em 28 d'Agosto
NEVA sahirá em 13 de Seth.

Para mais esclarecimentos dirijam-se á agencia central no Porto, rua dos Inglezes, 23—ao agente GUILHERME C. TAIT, e nas provincias e correspondencias nas principaes cidades e villas.

Para mais esclarecimentos em Guimarães o illm.^o sr. JOÃO ANTONIO FERNANDES GUIMARÃES.



VINHO DO ALTO DOURO PREMIADO NAS EXPOSITÕES





CASA DE VILLAPOUCA PREMIADO NAS EXPOSITÕES

JOZE DOliveira encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho engarrafado (fóra a garrafa)

Tinto de meza	150 reis	Moscatei	500 reis
Lagrima	200 reis	Vinho de 1854	600 reis
Tinto	190 reis	Roncon	700 reis
Tinto fino	240 reis	Vinho de 1825	1.000 reis
Vinho velho em prova secca	300 reis	Reserva de 1838 por garrafa	2.250 reis
Malvasia, segunda qualidade	360 reis	Bual de 1851	4.000 reis
Vinho velho	400 reis	Delicado de 1857	800 reis
Alvaralhão, superior	560 reis	Especial de 1862	600 reis
Bastardo velho	500 reis	erveja ingleza	110 reis
Malvasia primeira qualidade	300 reis	" Nacional	50 reis

A RETALHO:

Vinho de meza a 50, 60, 80, e 120 reis o quartilho do tinto e 120 reis do branco este armazem tem depositos: em Fafe, em casa do sr. Miguel Antonio Monteiro de ampos; em Vizella em casa do sr. João Teixeira Alves, na Lameira; nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do sr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do sr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. eba stião; no Porto, em casa do sr. F. G. anta Cruz, rua de Santa Catarina; em Aveiro, em casa do sr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do sr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'este toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso alguem duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem afim de assistirem á otação dos ditos vinhos.